

DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
SÉCULO		DIÁRIO POPULAR	18.0UT.1974
JORNAL DO COMÉRCIO		DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO		CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS		REPÚBLICA	

O CHEFE DO ESTADO NA O. N. U.

CONSTRUIREMOS UM AMBIENTE DE TOLERÂNCIA POLÍTICA MULTIPARTIDÁRIA INICIAREMOS A POLITIZAÇÃO DO NOSSO POVO E DAR-LHE-EMOS AS CONDIÇÕES PARA A LIVRE ESCOLHA DO REGIME PLURALISTA EM QUE DESEJE VIVER

Sou o Chefe de Estado de um País que, depois de humilhado por meio século de ditadura, soube iniciar, na longa noite de 25 de Abril, uma revolução sem sangue que outros classificaram da mais pura do século — afirmou ontem ao mundo

o general Costa Gomes, na sua histórica mensagem que a Assembleia Geral das Nações Unidas recebeu com uma ovação tão prolongada e tão significativa que bem traduziu inequívoca admiração pela reconquista, por Portugal, de uma dignidade

amordaçada em cinco décadas de fascismo.

O Presidente da República, em palavras sóbrias, dignas e precisas, afirmou a determinação portuguesa em salvaguardar a pureza dos principais objectivos revolucionários

Disse:

Construiremos um ambiente de tolerância política multipartidária, iniciaremos a politização do nosso povo e dar-lhe-emos as condições para a livre escolha do regime pluralista em que deseje viver.

• «Em menos de meia hora, Costa Gomes percorreu ontem muitos anos de História» — comenta, a propósito do patriótico discurso do Presidente da República, o enviado especial do «Diário Popular» às Nações Unidas, DINIS DE ABREU.



O Presidente da II República Portuguesa, general Francisco de Costa Gomes, quando proferia o seu importante discurso, no Palácio de Vidro

(Telefoto UPI-TELIMPRENSA - «DIÁRIO POPULAR»)

DIÁRIO DE NOTÍCIAS	COMERCIO DO PORTO	
SÉCULO	DIÁRIO POPULAR	18. OUT. 1974
JORNAL DO COMERCIO	DIÁRIO DE LISBOA	
PRIMEIRO DE JANEIRO	CAPITAL	
JORNAL DE NOTÍCIAS	REPÚBLICA	

COSTA GOMES NAS NAÇÕES UNIDAS

«NÃO MAIS ADMITIREMOS TROCAR A LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA COLECTIVA POR SONHOS GLORIOSOS DE IMPERIALISMO ESTÉRIL»

É o seguinte o teor do notável documento que constituiu o discurso proferido ontem, perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, pelo Presidente da República, general Francisco Costa Gomes.

Senhor Presidente: Em nome do Povo Português saúdo fraternamente todos os Povos do Mundo, reconhecendo fazê-lo numa mui digna Assembleia cuja

vocação universalista é o pólo de condensação das melhores esperanças dos que amam a Justiça e a Paz.

Saúdo Vossas Excelências, Senhor Presidente e todos os representantes nesta Assembleia Geral em que recaem as mais transcendentes responsabilidades da História da Humanidade.

Sou o primeiro Chefe de Estado de Portugal que teia o privilégio de se dirigir à opinião pública mundial beneficiando da vantagem de o fazer aqui e perante Vossas Excelências.

O meu País tem uma história longa de mais de oito

séculos e não nos será difícil perdoar a memória do último meio século orientado por homens que não souberam sintonizar os seus ideais com a alma colectiva do Povo a que pertencem.

Nas histórias de todos os povos há resplendores de inspiração que lançam as bases nobres e mais eficazes e há golpes de cegueira política que alienam a vontade popular e lançam as Pátrias em caminhos obscuros e estéreis.

Os espíritos superiores são aqueles que pairam acima dos acontecimentos historicamente fugazes e conseguem a visão global e sintética que cria uma perspectiva crítica e justa da vida de um País. Não sou optimista ao atribuir ao Povo Português um saldo histórico fecundamente positivo:

— Contribuímos decisivamente para o conceito planetário que o Homem de hoje tem de si próprio;

— Estivemos com os pioneiros bons em cuja legislação a abolição da escravatura foi mais uma conquista da ciência jurídica;

— Demonstrámos que a pobreza de recursos não impede o fenómeno fecundo de uma vivência inter-racial que torna os povos mais irmãos e mais unidos; no Grande Espaço da expressão portuguesa, 130 milhões de pessoas respondem por esta afirmação;

— Somos um povo europeu em cuja paisagem e arte se amalgamaram influências de todos os continentes e em cujo sangue há marcas

genéticas dos clãs europeus, das tribos do Norte ao Sul da África, da Ásia e das Américas.

Senhor presidente: Sou o Chefe de Estado de um País que depois de humilhado por meio século de ditadura soube iniciar na longa noite (e 25 de Abril uma revolução sem sangue que outros classificaram da mais pura do século.

Estamos perfeitamente determinados a salvaguardar a pureza dos principais objectivos revolucionários:

— Devolver ao Povo Português a dignidade perdida, implantando condições de vida mais justas com instituições democráticas pluralistas legitimadas na vontade do povo livremente expressa.

— Iniciar o processo irreversível e definitivo de descolonização dos territórios sob administração portuguesa. Não mais admitiremos trocar a liberdade de consciência colectiva por sonhos grandiosos de imperialismo estéril.

A nossa revolução iniciada com o 25 de Abril, apesar de embaraços e dificuldades, continua a demonstrar o alto civismo do Povo de Portugal.

Aqui deixo um convite aos altos responsáveis políticos desta Assembleia para verificarem em Portugal que o ambiente geral de tranqüilo labor e de ordem social não justificam generalizações alarmistas a partir de pequenas perturbações sociais

que o Governo Provisório sempre sanou e ultrapassou.

Nestas condições estou à vontade para afirmar solenemente que o Governo Português tem intenção e capacidade para cumprir na letra e no espírito a Carta das Nações Unidas e todos os compromissos internacionais, políticos, comerciais ou financeiros a que se encontra vinculado.

No plano interno mantemos um processo democratizante onde, com um mínimo de sofrimento, vamos desintoxicar os espíritos de meio século de propaganda de extrema direita, construímos um ambiente de tolerância política multipartidária, iniciaremos a politização do nosso povo e dar-lhe-emos as condições para a livre escolha do regime pluralista em que deseje viver.

No processo de descolonização manteremos-nos fiéis aos princípios do Direito Internacional da autodeterminação e independência; na aplicação concreta dos princípios teremos a flexibilidade de espírito suficiente para salvaguardar os interesses dos povos a descolonizar; seremos tão dinâmicos quanto o exige a impaciência de quem toma uma tarefa com muitos anos de atraso e tão pacientes quanto indispensável a felicidade de povos que sofreram na carne as consequências da anteguerra. Sabermos evitar firmes estereótipos e procurar para cada território a solução mais adequada a

lamenta a génese feliz de uma nova Pátria.

Aproveitaremos as relações históricas com outros povos para desenvolver aceleradamente justas situações de interesse mútuo, incluindo os países existentes de expressão portuguesa, as novas nações irmãs em formação pelo processo de descolonização em curso, e não esquecendo os Estados árabes e outros, cujas raízes históricas se cruzaram com as nossas ao longo dos séculos.

As origens culturais latinas facilitar-nos-ão o reforço da solidariedade com todos os países latinos da Europa e da América.

O estágio do nosso desenvolvimento, a nossa situação geográfica, o sentimentalismo e anti-racismo congénito do nosso Povo são a garantia de uma ligação de fácil entendimento e fraterna entre todos os povos do Terceiro Mundo.

Não resta o direito à sociedade internacional para anatemizar Portugal com o ferrete da suspeição ou da consideração condicionada.

Nestes termos, Portugal, no desenvolvimento de uma revolução dos espíritos, dos comportamentos e das atitudes sociais na pacífica revolução da escala de valores que colocará em lugar justo os pobres e os desprotegidos, sente-se no direito à solidariedade e auxílio da sociedade internacional em que se integrou.

Esperamos das Nações Unidas, e suas Agências especializadas, rápido levantamento de todos os embaraços e restrições que virmos sofrendo.

A situação pré-democrática em que vivemos tem importantes dificuldades económicas e financeiras que melhor serão vencidas se os países democráticos do Mundo se dispuserem a uma solidariedade material e moral, rápida, fraterna e justa no seu preço financeiro e político. Esperamos deles essa atitude amiga.

Ao nível das preocupações internacionais, Portugal manifesta o seu profundo desejo de ver as grandes potências mais dinâmicas no caminho do desarmamento mundial e que os enormes recursos que ficariam disponíveis sejam canalizados para os países mais desfavorecidos, onde em cada homem a luta pela sobrevivência é um drama que lhe nega o direito à cultura e ao progresso espiritual.

Adversários exaltados aqui descomprimaram em palavras as pseudo-razões que a opinião pública reduziu a dimensões razoáveis.

Quantas cansaças e esforços desta Organização têm sido estéreis quando os orgulhos egoístas calaram a voz da justiça e da razão.

Mas em larga contrapartida quantos fracos sentiram apoio, quantos oprimidos foram libertos, quantos pobres foram amparados, quantos exaltados sentiram o ridículo das suas posições apaixonadas.

O 29.º aniversário abre novo capítulo de uma Organização que seguramente consolidou a mais transcendente instituição que o espírito humano soube criar.

A todos os que directa ou indirectamente contribuíram para a génese e funcionamento da O. N. U. a nossa gratidão por nos haverem oferecido mais um Dia Maior da Humanidade.

Vou terminar dentro de momentos, porque de nós o Mundo espera muitos esforços concretos e pouca retórica.

Saúdo os países tradicionalmente amigos nas boas e más horas do meu País.

Saúdo os países de expressão lusitana, actuais e potenciais, dos quais a Humanidade espera o fortalecimento de laços comunitários fraternos e de mútuo respeito.

Saúdo todos os povos latinos, países irmãos numa cultura de cujo sentir humanístico os povos oprimidos têm o direito de esperar auxílio.

Saúdo todo o Terceiro Mundo, com a certeza da sua compreensão quando sublinho especialmente os povos irmãos da África, incluindo os povos árabes também gravados no sangue e na alma do Povo a que pertencem.

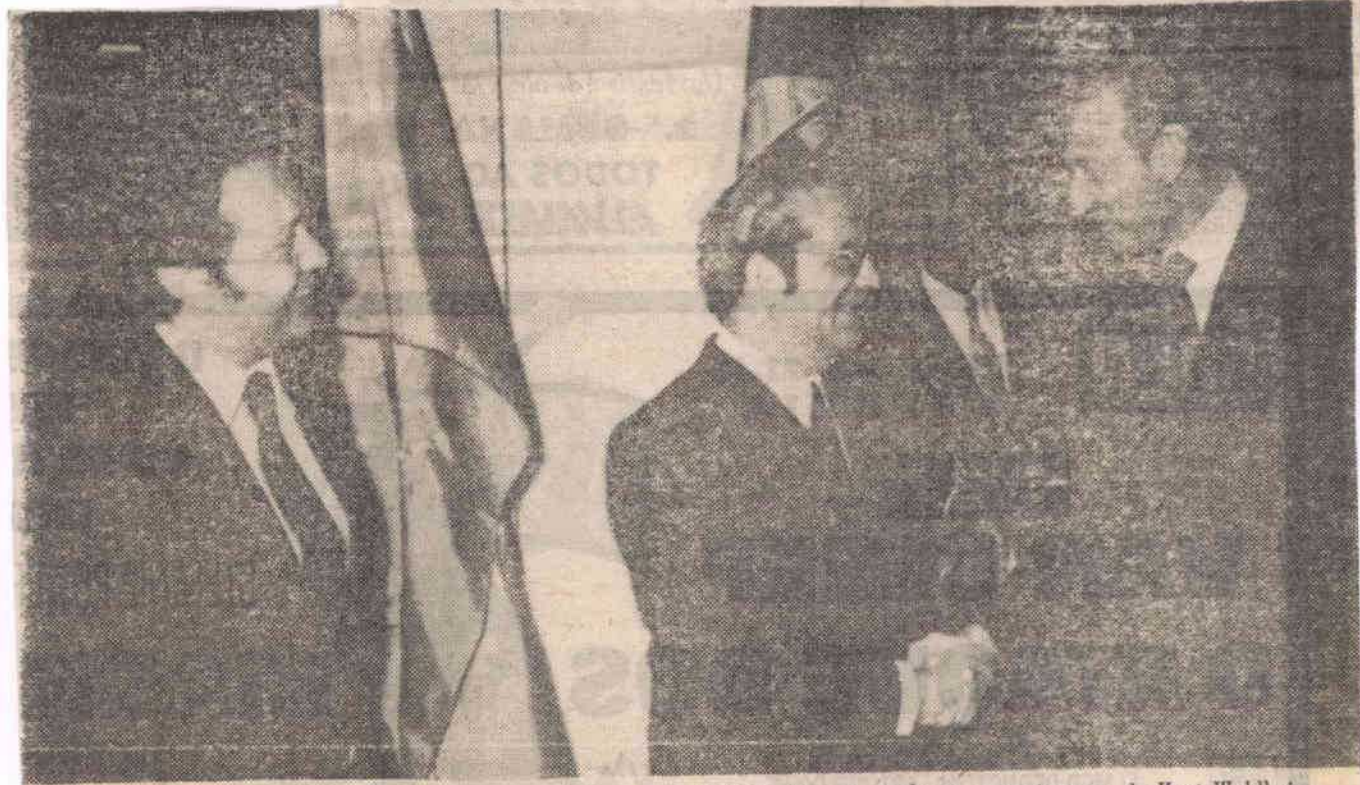
Saúdo os povos africanos que, depositando inteira confiança na honestidade e sinceridade do nosso processo de descolonização, estabeleceram conosco relações diplomáticas e de amizade que muito nos sensibilizaram.

Termino saudando todos os homens bons cujas preocupações se focalizam em construir uma Humanidade melhor, mais pacífica, mais segura, mais fraterna, mais progressista.

Que cada nova geração tenha uma vida mais digna de ser vivida.

Muito obrigado, Senhor Presidente!

(Telefoto UPI-TELEMPRENSA - «DIÁRIO POPULAR»)



O Presidente da II República Portuguesa, general Francisco da Costa Gomes, recebe os cumprimentos de Kurt Waldheim, secretário-geral das Nações Unidas, após o importante discurso que pronunciou no Palácio de Vidro. A esquerda, o ministro Mário Soares